

Literatura e Medicina

Otacílio Colares

Quando, para com meus botões, subordinei as considerações que seguem ao título, talvez um tanto subjetivo — *A Literatura e a Medicina* — fí-lo com o propósito de provocar, de logo, entre os que bondosamente me vão acompanhar, o desejo de saber se o emparelhamento, em um título, de duas coisas à primeira vista em oposição não viria a ser propósito por demais atrevido.

Confesso, como homem já amadurecido, que chego a pensar ser realmente, para a maioria da hodierna mocidade, no Brasil, algo meio inexplicável, assim de relance, mas tentarei a empreitada, ao longo de um tempo que, não sendo muito longo, possa parecer tolerável.

Para que seja entendido na minha mensagem, solicito a atenção para um fato: ao longo da história cultural e artística do Brasil, desde o advento da nossa conscientização política, como nação independente, e até, vamos dizer, três décadas passadas, predominavam, na formação das nossas elites atuantes, as chamadas Humanidades. Não houvera, até por volta de 1940, aqui entre nós, como, de resto, em todo o país, a grande e tão alardeada linha divisória entre o *Tecnicismo* e o *Humanismo*, o primeiro dado como única e lógica resposta ao surto desenvolvimentista que se impunha à nação brasileira, para intentar sua integração no comple-

xo das chamadas grandes nações, redundando, sem lógica plausível, no desprestígio do segundo.

Até então, não era difícil encontrarem-se a discutir, em pé de igualdade, com a mesma inteligência e a mesma sensibilidade despertas, e por via de um mesmo embasamento geral, o Poeta, o Médico, o Professor de Português ou de Literatura e História; o Jurisconsulto como o Advogado; o Engenheiro Civil como o Agrônomo, mesmo o homem de empresa, desde que, uns e outros, tivessem feito o então denominado Curso Ginásial, que decorria em cinco anos, incluindo, além do estudo das letras e artes, o das ciências matemáticas e naturais, sem esquecer o da língua latina, do francês e do inglês, vinculadas as respectivas literaturas, através de suas páginas julgadas antológicas por edificantes.

Aquele tempo, quando saíamos de tal curso, embora cada um de nós tivesse melhores notas nesta ou naquela matéria ou grupo de matérias, revelando já vocação para realização profissional futura, todos, indistintamente, levávamos, ao enfrentar as respectivas áreas profissionais, um regular e ponderável total de conhecimentos gerais basilares, que não se esvaíam com o passar do tempo.

A esse conjunto, a esse leque apenas aparentemente largo demais de disciplinas que lográvamos, devíamos, os de tal época, o saber entender, tanto um texto de pura criação literária como uma página de História; um texto de indagação de ordem sociológica ou de criminologia, isto porque a Ciência era escrita com zelos de estilo comunicativo e encontrava, na grande maioria, a já citada somatória de conhecimentos elementares, realmente preciosos, incluindo, como óbvios, os referentes ao Vernáculo falado e escrito.

Lembra-me bem o prazer com que, entrado para meu Curso Jurídico, li as páginas do Tratado de Medicina Legal do Dr. Afrânio Peixoto, médico dos mais destacados, ao meu tempo de jovem, e que era o mesmo profundo conhecedor da Língua Portuguesa, camonólogo tão ilustre que à sua inspiração deve a Universidade de Lisboa a criação de uma cadeira específica para o estudo da obra do criador de *Os Lu-*

*sia*as, isto a par de ser ainda o crítico literário e o romancista e contista de escol, um dos responsáveis pela criação da ficção regional no Brasil, com os seus romances *Fruta do Mato* e *Maria Bonita*.

Chamo a atenção dos médicos de mais de cinquenta anos, aos quais especialmente me dirijo, e peço-lhes testemunho de que não há mentira nem exagero no que acaba de ser afirmado. Mas, acredito, o que vem de ser dito basta para situar-me em face do que me propus.

Não mentirei se disser que, na verdade, de trinta anos a esta parte, tem se tornado sempre mais e mais difícil encontrar nos jovens que se graduam, seja em Medicina ou Engenharia, seja em Economia ou Ciências Agrárias, seja mesmo em Sociologia ou em Letras, aqueles temperamentos e capacidades, quando não de fazer Literatura, ao menos de senti-la como fenômeno humano de criatividade, embasado no real e no objetivo, retrato vitalizado de verdades muitas vezes as mais cruas.

Só de raro em raro, do campo hoje denominado de eminentemente técnico, surgem, como por uma emanção de milagre, de insopitável tendência ou de inegável coragem, aqueles nomes que, a par da Ciência, põem, em relevo, sem acanhamento, como preocupação ou atividade justificável, a Arte, já a das Letras, já a da Pintura, seja a da Música ou a do Teatro, o que, dantes, não acontecia.

E tanto isto é verdade que não será sem assombro que muitos agora me ouvirão dizer que era químico industrial, na Rússia de fins do século passado, um dos maiores compositores de seu tempo, Alexandre Barodine, autor, dentre outras joias do pós-romantismo musical russo, da ópera "Príncipe Igor". E tanto mais: que o seu contemporâneo, Rimsky Korsakoff, líder do chamado "Grupo dos Cinco", a par de suas habilidades técnicas, quando jovem, nos domínios da arte náutica, foi um dos mais avançados compositores e musicólogos de seu tempo.

Se recuamos ainda mais, vamos encontrar, na corte de Francisco I, de França, humanista notável, protótipo do ho-

mem de conhecimentos gerais, em pleno e recuado século XVI, a figura extraordinária de François Rabelais, beneditino, médico, professor de anatomia e, a par disto, ou mesmo em razão disto, o imortal criador de duas obras de ficção pícaras imortais: *A Vida Inestimável do Grande Gargantua, Pai de Pantagrue*, e *Os Horríveis e Espantosos Feitos e Proezas do Mui Renomado Pantagrue*.

Temos, quer na vida científica, quer na vida literária desse gênio da França renascentista, o mais perfeito modelo do humanista. Se, como mestre de anatomia, ele dominava o Homem na sua materialidade, como mestre na arte de observar e escrever, foi um verdadeiro escarpador da triste e vária complexidade anímica da pessoa humana.

E, para que, situados na França, não sejamos acusados de referir exemplos de antanho, baste-nos o nome do médico Georges Bernanos, falecido há apenas vinte e oito anos, que revolucionou a criação literária da França de seu tempo, com suas obras calcadas numa visão inteligente e avançada do catolicismo, algumas dessas obras basilares para o pensamento cristão dos nossos dias, tais como — *Diário de um Cura da Aldeia*, *Diário dos Carmelitas* e *Os Grandes Cemitérios ao Luar*.

É justo, neste momento, que indague dos Senhores Médicos, aos quais chegam as minhas palavras, talvez atrevidas demais por amor à arte, se tudo, no campo da Medicina, pode resumir-se no frio tecnicismo; desde que não é com números, nem com certas e determinadas combinações preceituais de fórmulas que labuta, em seu dia-a-dia, o que se dedica ao sacerdócio da cura; se o com que ele luta, desde a primeira vista, passando da simples auscultação ao diagnóstico e deste ao encaminhamento para este ou aquele escalão da variada gama do atendimento, para a vitória ou a derrota, em face da doença e da perspectiva do trespasse, pergunto eu se o com que ele trabalha não é algo que transcende ao puro saneamento de um órgão afetado ou infectado, e que é o Homem, o seu semelhante. E esse semelhante é todo um poema, ora de lirismo, ora de tragédias, na tremenda fragilidade carnal e na efemeridade de sua passagem pela terra...

Em razão dessa presença permanente da pessoa humana na vida do Médico, não encontro em mim, logicamente, os meios para aceitar a figura que andam a querer impor, de algum tempo a esta parte, do médico absolutamente frio como uma peça de engrenagem; apenas uma fonte de aplicação material de um determinado grupo de conhecimentos de base pragmática, cuja missão seria pura e simplesmente cuidar de uma vida em caráter aleatório, da qual cumpre descartar-se, do modo mais preciso e técnico, como de um problema que se resolve e se passa adiante, sem que para tal haja concorrido, em maior ou menor cota, neste caso diferentemente de em outro, aquele magna espiritual, que é essência, porque é vocação e redundante em solidariedade humana, que significa Poesia.

Sei que a tendência, na hodiernidade, é tornar-se o médico um homem frio, porque o caminho que se aponta, como a solução mais plausível, nas grandes comunidades, é a socialização da arte de curar, que passaria a ser — técnica de curar. Mas, não será em razão disso que, aqui e ali, não reponte, incontrolável, diria eu quase inefável de tão intimista, no clínico como no cirurgião, no odontólogo como no biólogo, tal como no advogado e no escritor ou no professor de Letras e Artes, o que eu chamarei — o anjo-demônio da criatividade, aquele algo diferente, que transcende ao mais moderno tratado, porque do que necessita é do transbordamento da afetividade entre um ser humano que carece e um ser humano a quem incumbe proporcionar o indispensável socorro.

Porque desejo fique bem claro, como razão de ser deste meu arrazoado: quando falo em Arte, não considero artista apenas o que se faz veículo da essência criativa, do *pathos* inventivo; considero, talvez, no mesmo pé de igualdade, aquele que, dono de sensibilidade, é capaz de receber emocionalmente, valorizando-o, um determinado momento da criatividade humana despertada, sabido que o ideal do criador artístico é sentir que a sua arte, tão logo percebida de alguém, passa a ser dividida entre esse alguém e quem lhe proporciona a sugestão de vida sensorial ou intelectual. Daí, para exemplo, em Poesia,

a tese dos simbolistas, cuja linguagem, mais sugestiva que explicativa, é sempre um convite ao leitor a que compareça com a sua cota de imaginação, sem o que, na verdade, o complexo da criação, em arte, não se completa.

Em razão disto, considero — e não estou só, quando assim o faço — que foi com o advento do Simbolismo, na Poesia, e foi com o seu correspondente impressionismo, na Pintura e na Música, que a Arte atingiu o ponto ideal de sua efetivação, no caso da palavra escrita, em verso como em prosa, bem diverso tudo daqueles clichês do realismo erudito ou cientificista que, nos domínios da poética, se chamou Parnasianismo, cujos defensores e executores propugnavam a rigidez da forma acima do sentimento e preferiam a análise à síntese, quando todos sentimos que só é arte o que é sintético e só é analítico o que é científico.

Senão, façamos, agora, uma experiência. Apresentarei, com a ênfase que me for possível, os versos de um soneto do mais realista dos realistas da poesia brasileira, que foi Alberto de Oliveira. Reparem na perfeição escultural dos versos, na pureza das rimas ricas, mas sintam comigo que tudo, em O VASO GREGO, é descritivo e frio como o próprio mármore ou a cerâmica, tanto o poeta se preocupou com o descritivo pelo descritivo:

Esta de áureos relevos, trabalhada
De divas mãos, brilhante copa, um dia
Já de aos deuses servir como cansada,
Vinda do Olimpo, a um novo deus servia.

Era o poeta de Téos que a suspendia
Então, e, ora repleta, ora esvazada,
A taça amiga aos dedos seus tinia,
Toda de roxas pétalas colmada.

Depois... Mas o lavor da taça admira,
Toca-a, e do ouvido aproximando-a, às bordas
Finas hás de lhe ouvir, canora e doce.

Ignota voz, qual se da antiga lira
Fosse a encontrada música das cordas,
Qual se essa a voz de Anacreonte fosse.

Não há discutir: é um belo soneto. Seus catorze versos, pautados no melhor da arte de descrever com erudição, revelam, no autor, todo um mundo de conhecimentos mitológicos e históricos, toda uma cultura que faz do poema, na sua beleza formal, um objeto raro de adorno, jamais, sinceramente, um galvanizador, um transmissor de energia criativa, um mágico bastão de encantamento. Pura e explicativa, lê-se, ou ouve-se a obra; mas, um minuto depois, ao menor incidente que nos ocorra em torno, ei-la posta à margem. É que, explicativo e frio, não nos proporcionou o soneto de Alberto de Oliveira o direito de completá-lo com a nossa capacidade de criar, por nosso turno, e torná-lo patrimônio próprio.

Agora, para contrastar, utilizemos, bem de propósito, um poema de poucas e singelas palavras, sem rima e sem métrica, mas um poema que traz o seu próprio ritmo e no qual cada palavra é empregada, embora na aparência paradoxalmente, com justeza, no desajustamento do que se convencionou que seriam versos. Intitula-se o poema — *No Meio do Caminho*, e é do livro *Alguma Poesia*, com que estreou nas letras nacionais, no recuado ano de 1930, o então jovem farmacêutico mineiro Carlos Drummond de Andrade, atualmente, sem sombra de dúvida, a maior organização poética em língua portuguesa, incluída nesta geografia abrangente a própria poesia lusitana atual.

Escreveu Drummond, no seu singelo poema de 1930:

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei deste acontecimento
na vida das minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

Temos aí o que poderíamos denominar — um poema mitigado, em cuja composição houve — o que seria de estranhar num jovem — a preocupação de utilizar tão-somente as *palavras-símbolos*, em expressões essenciais e, no mais, deixando ao leitor, por conta do próprio desajuste rítmico de sua forma, pela repetição propositada de certas expressões e pelo poder mágico de um NUNCA ESQUECER alusivo a acontecimento que não fica revelado, aquela complementação por conta própria, que o tornará partícipe do magma emocional.

Agora, permitam-me que eu lhes chame a atenção para a parte explicativa desta exposição: — a que trata de provar que, ao longo da História da Literatura Brasileira, sempre houve homens de Ciência que foram, ao mesmo tempo, homens de Letras, devendo ser destacado que, jamais, nos velhos tempos, como ontem e ainda hoje, houve, da parte dos chamados homens de letras, nem receios, nem ódios, nem desprezo para com os cometimentos e os homens da Ciência: daí as Academias de Letras do país, à frente a Brasileira, sempre terem dado, aqui e ali, desde que se candidatem e tenham méritos reconhecidos, também os que da já referida Ciência fazem seu estandarte e escrevem, tendo-a por motivação, obras que mereçam aplaudidas e consagradas pela láurea da imortalidade.

Para dar ao que vem a seguir, e que é mais ou menos estatístico, um certo *tonus* cronológico, abrirei uma breve lista de nomes de homens de Ciência, no Brasil, que também se deram às letras, começando por enunciar José Bonifácio de Andrada e Silva, sábio no mais avançado sentido de sua época: bacharel, ao mesmo tempo, em Leis e em Ciências Naturais, sócio livre da Academia de Ciências de Lisboa. Aprofundados seus conhecimentos naquele complexo de saberes

que se denominavam *filosóficos*, passou largo tempo em Paris, onde privou com Lavoisier, com ele havendo estudado, ao lado de Chaptal, Fourcroy e Jussieu; esteve na Alemanha, estudando com Werner, Lemp e Kohler e percorreu o interior da França, Itália, Suécia e Noruega, em pesquisas mineralógicas, fazendo, inclusive, valiosas descobertas, o que não o impediu de exercer política nacional e internacional, inspirar a nossa independência e tutelar um príncipe azogado e inexperiente, no controle de uma nação nascente, nada o tendo impedido, a par disso, de deixar imensa e ponderosa obra poética, nos melhores moldes arcádios, e uma primorosa coleção de discursos, no melhor estilo de prosa antológica.

Deixando à margem valores outros que, no Brasil, a partir de José Bonifácio, fizeram Ciência a par de ter em suas preocupações artístico-literárias, situemos nossa cronologia, em termos nacionais, a partir do Romantismo, quando verificaremos que dois dos grandes mestres da ficção brasileira, nos nossos albores literários, eram médicos: Joaquim Manoel de Macedo, autor de romances ainda hoje editados, como *Á Moreninha* e *O Moço Loiro*, e Manoel Antônio de Almeida, cronologicamente romântico, mas autor de uma novela, pioneira para a sua época — *Memórias de um Sargento de Milícias*, fina sátira documental dos costumes cariocas do tempo do Rio de Janeiro de El Rei D. João VI.

Mais perto de nós, mas não tão perto, temos o médico Aloysio de Castro, como seu progenitor, ao mesmo tempo, médico e homem de letras e artes, membro da Academia Brasileira de Letras, autor de trabalhos como *Das Desordens da Marcha e seu Valor* e *Distrofia Gênito-glandular* ao lado de obras como *A Expressão Sentimental na Música de Chopin* e livros de poesia como *As Sete Dores e as Sete Alegrias da Virgem, Tendresse* (em idioma francês), *As Sete Palavras de Cristo e Caminhos*.

Da sua contemporaneidade, destaque-se a figura extraordinária de Antônio Austregésilo que, tendo escrito os sentidos versos do livro *Pó* e a prosa poética de *Manchas e Novas Manchas*, escreveu também *Estudo Clínico do Delírio*, A

Cura dos Nervosos, As Psiconeuroses e Esboço Histórico da Medicina no Brasil.

Foi como poeta que primeiro se fez conhecido, em nosso país, antes de ir estagiar em Paris, o autor do então revolucionário método radioscópico da chamada *ABREUGRAFIA*, o médico Manoel de Abreu, falecido há apenas 13 anos. E se foi poeta de poesia mitigada e intimista, não ficou apenas nos versos do livro *NÃO SER*, de 1924; deixou publicados, em forma poética altamente espiritualizada: *Substância, Poemas Sem Realidade, Meditações e Mensagem Etérea*.

Não é somente na poesia que médicos brasileiros se têm revelado instrumentos ativos da criatividade literária. No romance moderno, bastariam os nomes de Breno Acioli, alagoano, autor dos contos de *Cogumelos* e de *Maria Pudim* e das novelas *João Urso* e *Siracusa*, este último deixado inédito, com sua morte prematura, em 1946, bem assim romances, contos, teatro e sobretudo — vejam bem — a poesia cheirando a cana-de-açúcar e a negro de banguê de Jorge de Lima, na sua mocidade, e a imensa e quase cosmogônica poesia da dúvida em que imergiu, com Murilo Mendes, em seu livro *Tempo e Eternidade*, para a sublimação extraordinária que atingiria o seu verso, a partir de *A Túnica Inconsútil*, dos *Poemas Negros*, passando pelo lirismo de *Mira Coeli*, *As Ilhas* e *Invenção de Orfeu*.

O Jorge de Lima, médico e poeta, em transe, diante do Mistério, quando escreveu *As Trombetas*, do seu imenso livro *A Túnica Inconsútil*.

Ouço o baque dos anjos precipitados
cavando vales na terra.
Vejo do ventre primeiro, da Eva, da Madre,
os cordões umbilicais enleando os seres até hoje.
E ouço o clamor das trombetas
acompanhando a queda das asas.
E em cada cordão que se rompe,
ressoa no choro nascente
a memória das trombetas

E ouço outras trombetas e outras quedas e outros
[baques,
e sempre o sangue jorrando
e sempre o som legendário
reboando pelos vales.
Mal se extingue no ar a trombeta do anjo das
[guerras
nos vales coagulados de sangue;
nas antípodas dos vales, novas trombetas anunciam
o choro dos que vão nascer para trabalhar,
dos que vão nascer para se acabar.
Ouço as trombetas finais reunindo
os meus membros esfacelados na morte.
Serei leve.
Sereis leves, — corpos ensanguentados que subireis
[do Vale
ao clangor majestoso das trombetas finais.

No caso específico do Ceará, a partir de Rodolfo Teófilo, cientista que foi poeta e um dos iniciadores verdadeiros do romance regional nordestino, quantos médicos, odontólogos e farmacêuticos, bem assim agrônomos, mestres do Direito e de outros ramos menos diretamente ligados às artes fizeram literatura, tais como Otávio Lobo, Jurandir Picanço, Guilherme Studart.

Ainda em termos nacionais, bastaria, a meu ver, os nomes de Clementino Fraga e Gastão Cruls, grandes sanitaristas, que fizeram boa e valiosa literatura, e mais o de Josué de Castro, que fez, no roteiro de Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Artur César Ferreira Reis, a mais válida literatura de cunho social e humano que se poderia esperar de um homem plantado no seu chão nordestino. Sem esquecer o ficcionista que existe no médico Peregrino Júnior.

Nada há, portanto, que impeça à Medicina válida de um jovem e ilustre protólogo, Dr. Pedro Henrique Saraiva Leão, que ela conviva, numa só personalidade, com o altíssimo poeta que é, com os meus aplausos, desde as primeiras afirma-

ções no incompreendido caminhar do Verso, quando, há 16 anos, profundo dominador da língua e literatura inglesas, publicava o livro *12 Poemas em Inglês*, editado em 1960, com ilustrações e *lay-out* de Floriano Teixeira, e cujo poema de abertura, na justeza que envolve a língua de Shakespeare, revelava já, no poeta, a preocupação das expressões essenciais:

if all the pretty birds
that fly above:
if all the butterflies
that lightly kiss the flowers;
if all de dewdrops
that come with the down
could speak,
they would say:
i love you.

Como a profissão do diagnóstico e da cura não impediu que, há pouco mais de um ano, o médico cearense Dr. Caetano Ximenes Aragão haja estreado em livro de versos em que há muita sublimação poética de base na fragilidade da matéria e da própria essência imaterial do homem, que é *O PASTOREIO DA NUVEM E DA MORTE*.

Nada impede que Lúcio Alcântara, sendo médico laureado, político militante por tradição e administrador da coisa pública dos mais atentos e proficientes, seja um grande devorador de livros de cultura geral, incluídos os de artes, e um habilíssimo manejador da palavra escrita. E, antes dele, João Batista Saraiva Leão e Pedro Sampaio.

E creio não ser sem propósito, antes, oportuníssimo, abordar o caso palpitante do meu eminente amigo, o Doutor Pedro da Silva Nava, autoridade indiscutível em reumatologia, com inúmeros trabalhos sobre a ciência médica publicados no Brasil e fora de nossos limites, poeta vanguardista de entre 1925 e 1930, nas suas Minas Gerais, e homem que, embora aparentemente divorciado das coisas das letras, e assim o acreditávamos nós que lhe lemos, há perto de quatro décadas, versos dos mais intimistas e impressivos, viria a surpre-

ender-nos, a partir de seu primeiro volume de memórias — *Baú de Ossos* — com a mais viva e indiscutível demonstração de fidelidade à Poesia. Pois não são mais do que pura emanção de Poesia todas as páginas da trilogia constituída do já citado *Baú de Ossos* e as de *Balão Cativo* e *Chão dos Mortos*, após o qual já anuncia o escritor mineiro-cearense de Juiz de Fora um quarto que, por inspiração de Lúcio Costa, o poeta do projeto de Brasília, denominar-se-á *Beira-Mar*.

Se fiz um pouco de História, no tocante a esse como tradicional namoro entre a Ciência e a Literatura, fi-lo na certeza de que todos que até aqui concordaram em dar-me atenção estavam já, lá no íntimo, compenetrados de que, onde quer que haja um hálito de vida e essa vida transpire em tons de humanidade, haverá lugar para a emoção artística. Essa emoção que alguém, que intentou ser médico, em fins do século passado, por possuí-la em dose demasiada, não soube dividir e deixou derramar-se todo esseito só em Poesia, nos arroubos de sua lírica altamente comburente, tão bem retratada nos versos com que me despeço — os versos de Olavo Bilac, em:

IN EXTREMIS

Nunca morrer assim! Nunca morrer num dia
Assim! de um sol assim!

Tu desgranhada e fria,

Fria! postos nos meus os teus olhos molhados
E apertando nos teus os meus dedos gelados...

E um dia assim! de um sol assim! E assim a esfera
Toda azul, no esplendor do fim da primavera!
Asas, tontas de luz, cortando o firmamento!
Ninhos cantando! Em flor a terra toda! O vento
Despencando os rosais, sacudindo o arvoredo...

E, aqui dentro, o silêncio... E este espanto! e este medo
Nós dois... e entre nós dois, implacável e forte,
A arredar-me de ti, cada vez mais, a morte...

Eu, com o frio a crescer no coração, — tão cheio
De ti, até no horror do derradeiro anseio!
Tu, vendo retorcer-se amarguradamente
A boca que beijava a tua boca ardente,
A boca que foi tua!

E eu morrendo! e eu morrendo
Vendo-te e vendo o sol, e vendo o céu, e vendo
Tão bela palpitar nos teus olhos, querida,
A delícia da vida! a delícia da vida!

* * *

Esta palestra foi lida na tarde de cinco de agosto de 1976, no Auditório do Hospital do INPS em Messejana, como parte de uma série constitutiva de seminário organizado pela Direção do referido hospital.